

# CONVERSANDO COM JOSSO: ENCONTROS AUTOFORMADORES

---

Edla Eggert  
Lúcia Maria Vaz Peres

## Resumo

Este artigo é fruto de uma entrevista com a pesquisadora suíça Marie Christine Josso, tendo como mote principal o encontro dela com grupos de pesquisa no Rio Grande do Sul, especialmente os da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Esta entrevista permitiu que pudéssemos, por meio de uma conversa, refletir sobre a proposta da pesquisa-formação nas diferentes universidades por onde Josso mantém interlocução. Pode-se dizer, a partir desta entrevista, que esta abordagem exige constantemente um pensar a si mesmo em processo individual e coletivo. A cadência de ouvir o outro, escrever de si, ler o outro, interpretar a si e ao outro, conduz para uma responsabilidade processual que inaugura pensar a pedagogia em seu mais profundo compromisso de produzir conhecimento. A história de vida, a narrativa, vai aparecendo não somente como uma descrição, mas como um pensamento analítico no campo pedagógico.

**Palavras-chave:** história de vida, narrativa, pesquisa-formação, educação

## TALKING TO JOSSO: SELF-EDUCATING MEETINGS

### Abstract

This paper results from an interview with the Swiss researcher Marie Christine Josso: it is mainly about her meeting with research groups in Rio Grande do Sul, especially the ones from *Universidade Federal de Pelotas* (UFPEL) and *Universidade do Vale do Rio dos Sinos* (UNISINOS). This interview/conversation made us reflect on the education-research proposals suggested by different universities where Josso has been an interlocutor. Based on this interview, it can be said that this approach demands continuous reflection on oneself, individually and collectively. Listening to others, writing about oneself, and interpreting oneself and the others leads to responsibility towards the process which thinks about pedagogy in its deep commitment to knowledge production. Life stories and narratives arise as analytical thinking in pedagogy, rather than as mere descriptions.

**Keywords:** life story, narrative, education-research, education

Por ocasião do 14º ENDIPE, realizado em Porto Alegre, em abril de 2008, contamos com a presença da professora e pesquisadora Marie Christine Josso no Rio Grande do Sul. Desejando estreitar os laços acadêmicos, por meio do projeto “Casadinhos” – CAPES/FAPERGS<sup>1</sup>, entre Unisinos e Ufpel, estendemos a visita da professora para um ciclo de estudos na Universidade Federal de Pelotas. O objetivo foi consolidar pesquisas que trabalham na perspectiva metodológica autobiográfica na região, aprofundando, assim, o estudo da sua proposta de pesquisa-formação. Num terceiro movimento, planejado para a vinda da professora Josso, foi realizado um seminário valendo um crédito para os estudantes de seis Programas de Pós-Graduação em Educação: PUCRS, UNISINOS, UFPEL, UDESC, UFRGS, UFSM e, além de universidades do estado do Rio Grande do Sul, tivemos a Universidade Estadual de Santa Catarina. À frente dessa programação, tivemos três professoras que planejaram e encaminharam esse projeto: prof<sup>a</sup> Maria Helena Menna Barreto Abrahão - PUCRS, Prof<sup>a</sup> Edla Eggert – UNISINOS e Prof.<sup>a</sup> Lúcia Maria Vaz Peres – UFPEL. Após uma extensa programação<sup>2</sup>, no dia 29 de abril realizamos um encontro onde gravamos uma entrevista com Josso.

A entrevista ocorreu numa manhã ensolarada, na casa de Ela<sup>3</sup>. Nesse dia, ainda antes de iniciar nossa entrevista, a professora Lucia ensinou para Josso um dos rituais gaúchos de aproximação entre as pessoas - cevar o chimarrão e depois partilhá-lo entre os amigos. Marie-Christine experimentou e gostou, quando esteve em Pelotas. Por isso, diante de sua admiração e rápido aprendizado da cultura (característica peculiar e singular de sua pessoa), presenteamos Josso com os artefatos do chimarrão para levar consigo. E nesse dia foi o momento de ensinar a preparação do referido ritual. E assim fizemos: sob o olhar atento da

---

<sup>1</sup> Fundamentalmente, o referido projeto de cooperação tem como objetivo principal criar condições para inserir os Programas de Pós-Graduação envolvidos de forma mais incisiva nas questões pertinentes ao desenvolvimento das respectivas regiões e do Estado do Rio Grande do Sul. A UNISINOS, na condição de um programa consolidado, tem como meta, nesta cooperação com a UFPEL, propiciar a compreensão da problemática de desenvolvimento regional de forma mais integrada e a inclusão desta na pesquisa em educação e no ensino, bem como desenvolver reflexões teórico-metodológicas capazes de dar sustentação à pesquisa, favorecendo uma ação de significado acadêmico importante, para ambas as Instituições.

<sup>2</sup> A professora esteve em Pelotas junto ao PPGE/FAE/UFPEL, do dia 17 ao dia 22 de abril de 2008. Nesse período, ministrou uma aula inaugural e participou do IIº CICLO DE PROCESSOS (AUTO)FORMADORES, promovido pelo GEPIEM e CEFET RS. Foram momentos de intenso trabalho e de rica convivência. Após essa data, ficou em Porto Alegre, ministrando seminário para os demais grupos de pesquisa, culminando com sua participação no 14º ENDIPE.

<sup>3</sup> dEla é o nome de Edla reordenado – numa brincadeira com o nome.

Professora Marie-Christine, a Prof.<sup>a</sup> Lúcia demonstrou passo a passo os procedimentos de feitura do chimarrão. Depois, com a cuia na roda das três mulheres, Marie-Christine, Edla e Lúcia, numa sala aconchegante rodeada de livros e imagens instigantes, começamos a entrevista.

**Lúcia** - Gostaríamos que comentasses sobre os movimentos empreendidos no decurso das tuas viagens pelo mundo, sobre os estudos das histórias de vida na perspectiva em que tu vens trabalhando. Especialmente, pontuando as tuas impressões sobre o Rio Grande do Sul.

**M.C. Josso** – Na verdade, são muitos... A exemplo do que fiz em Pelotas com teus orientandos e aqui em Porto Alegre, tenho a sensação de uma grande diversidade de questionamentos, de exploração e de investigações com muitas disciplinas envolvidas. Esta diversidade foi uma coisa que me chamou a atenção, sobretudo a qualidade das abordagens biográficas que teu grupo vem trabalhando. Também, o que ficou para mim muito interessante, me chamou a atenção, foi o fato de que não se tratava só da abordagem biográfica, de escrever a sua narrativa, de fazer a sua História de vida, etc. Mas, sobretudo, o que foi muito debatido foi a pesquisa-formação e o processo de formação que, para mim, é muito importante. Evidentemente, escrevi sobre o *uso das histórias de vida para...* E o mais importante para mim são os processos de formação. E foi isso que encontrei aqui no Rio Grande do Sul, especialmente em Pelotas. Não se encontram em todos os lugares - esta dimensão da pesquisa-formação e essa dimensão da abordagem biográfica; das abordagens biográficas com suporte de diferentes linguagens e de metodologias, usando tal abordagem de outra maneira. Isso para mim é muito interessante. Eu tive um tempo mais individual com teus orientandos, com o teu trabalho. É a isso que estou me referindo. Aqui em Porto Alegre havia mais pessoas para falar das pesquisas. Então não consegui conservar na minha memória todos os aspectos envolvidos. Agora me passa um chimarrão...

**Lúcia** – Isso quer dizer que o foco teórico do imaginário sob o qual venho estudando com meu grupo de pesquisa e, penso, que ele pode conversar com vários fenômenos, dá conta deste trabalho autobiográfico? Quero dizer, embora eu não seja, genuinamente, uma estudiosa das histórias de vida, neste momento tem sido uma forte tendência, em função dos processos autoformadores, aos quais chamo matriciamentos. Se entendi bem, tu apontas esta diversidade como positiva. Queria te ouvir sobre isso.

**M.C. Josso** – Exato. Percebo que tu falas de outro lugar. Aqui em Porto Alegre, eu abordei isso no seminário, onde eu dizia que a

dimensão do ser humano é a primeira dimensão a ser estudada, quer seja o sujeito da pesquisa, quer seja o sujeito pesquisado. Necessitamos contemplar tais dimensões sem esquecer todas aquelas dimensões do nosso ser no humano, às quais me referi no decorrer dos três dias do seminário na PUCRS. São elas: SER de conhecimento; SER de ação; SER de sensações; SER de Carne; SER imaginação; SER afetividade; SER sensível. Para cada uma delas, temos de desenvolver todas as nossas “antenas” de relacionamentos conosco mesmos, com os outros e com o ambiente humano e natural. Essas dimensões compõem o imaginário, como requisitos para estudar o ser humano. Podemos dar um enfoque maior a uma das dimensões, não excluindo as outras. Estás a ver? Outra coisa é fazer um recorte e trabalhar somente com uma dimensão. Então o que fazes, Lúcia, é isso. Estás a dar um enfoque maior ao imaginário sem cortar o imaginário das outras dimensões. É a mesma coisa que faz Edla com o trabalho com as mulheres. Dar o enfoque sobre a dimensão sobre o que elas estão a fazer, com o seu cotidiano, sem esquecer a dimensão do Ser agindo, atuando e sem esquecer todas as outras dimensões que pouco a pouco, no diálogo com as mulheres, vão surgindo, até emergir o imaginário também. Mas uma coisa é a diferença na entrada e outra coisa é cortar o pedaço do ser humano para ser estudado.

**Edla** – Acho que, nesse ponto, retomo a pergunta da professora da UERGS em nosso painel de hoje, quando ela pontuava a preocupação do contexto. Ou seja, com que uma pesquisa autobiográfica que parece individualista contribui para um país que vive situações de tanto conflito, de uma população que vive, majoritariamente, empobrecida e uma pequena parcela que vive muito bem? Qual é a responsabilidade que nós, pesquisadoras, que trabalhamos com histórias de vida, temos de conseguir localizar o contexto dentro de um aspecto que parece tão singular? Isso porque lidamos com o imaginário, com a individualidade, com as marcas afetivas que cada um tem à medida que vai contando, vai percebendo, tem de estar num contexto. Parece-me que este é um aspecto importante a se pensar, dentro desta dimensão. Talvez esteja aí uma discussão ainda a ser feita na perspectiva dos diferentes contextos. Por exemplo, quando falavas do resgate da memória das pessoas que estiveram na 1ª guerra Mundial, penso na importância política dos sujeitos latino-americanos, brasileiros, num determinado lugar. Então aí está a dimensão política, que, num primeiro momento, não aparece muito. Ou seja, a dimensão política da narrativa autobiográfica me parece fundamental. Mas se nós temos a noção e consciência política do lugar onde a gente está, isso também aparece. Percebe o que estou falando?

**M.C.Josso** - Percebo muito bem. Para mim, são dimensões diferentes. Quando desenvolvo minhas pesquisas, trabalho sempre com grupo. Isso para mim é fundamental. Trabalhar nessa perspectiva grupal permite misturar um trabalho de partilha e de confrontação entre as nossas heranças pessoais e sociais com as outras pessoas. Então não estou fechada e voltada somente para mim própria excluindo a dimensão política. Não é a minha família, a minha história. A minha família e a minha história estão inseridas num meio social, vivo num contexto  $x$ , com hábitos sociais e culturais com muitas similaridades com a família das demais pessoas que ali estão. A minha preocupação é sempre de ampliar, o máximo possível, as dimensões psicossomáticas. Quero dizer, sempre há uma parte singular e outra coletiva. Mesmo a biologia vê a parte da individualidade e a pluralidade. A psicologia social, a sociologia, a antropologia cultural, a história tem em seu foco a família e grupo de interesse das relações humanas até chegar à espiritualidade. De modo que é inadmissível, para mim, falar nas histórias de vida só como um processo individual. Para mim não faz sentido. É um processo singular plural, sempre. E nós iniciamos o processo de investigação-formação usando as histórias de vida, uma abordagem biográfica de qualquer questão com a responsabilidade de dar esta ampliação. Você está a falar sobre dimensões psicológicas, mas a sua história traz em si outros aspectos. Ao contrário, percebemos que muitos outros pesquisadores e outras abordagens falam somente do ponto de vista sociológico ou somente do ponto de vista histórico, onde desaparece o sujeito individual. Então, cabe a nós, como pesquisadoras formadoras, chamar atenção sobre aquelas dimensões que compõem o imaginário humano. Nele há uma parte singular e uma parte completamente plural, ao mesmo tempo. O emocional como o sensível, as sensações, os sentimentos, o imaginário, a reflexividade também. Nessas dimensões, habitam partes culturais que foram fazendo de nós o que somos.

**Lúcia** – Bem, partindo do que dizes, se bem entendi a tua obra, quando falas das *ciências do humano*, estamos fazendo uma opção epistemológica que me parece ser o berço do imaginário – o fundo arcaico de sentido que é eterno no tempo, gerando a pluralidade que, ao mesmo tempo, é singular e plural. Eu fiquei muito feliz ao perceber isso na tua obra, sobretudo quando te remetes à biografia do corpo. Isso tem a ver com o gesto como uma linguagem universal, expressão genuína do imaginário como Gilbert Durand preconiza?

**M.C.Josso** – Estamos falando de três dimensões. *O que aconteceu durante a minha vida com meu corpo*; qual é a história mesmo do meu corpo – que doenças, que terapias, sexualidade, etc.

Tudo isso é como o meu corpo tem de contar uma parte da minha história de vida. O corpo das sensações, o corpo das emoções. Essa é uma dimensão. A outra tem a ver como ao longo da minha vida *eu me relacionei com meu corpo*. Quais foram as minhas representações das ligações entre o eu e o corpo? Por exemplo, o teu filho Carlos<sup>4</sup>, Edla, demonstra uma unicidade incrível entre o ele e o corpo. Um exemplo de distanciamento entre o eu e o corpo, nas mulheres, acontece quando aparece a menarca. É como se o corpo estivesse a fazer algo que não nos pertence. Uma coisa quase exterior acontece e faz parte da história universal das mulheres numa determinada faixa de idade. Aqui vejo uma introdução do eu e o meu corpo, uma vez que antes não havida consciência disso. Depende, evidentemente, da evolução da vida e de cada uma e de cada um. Mas, daqui para frente, temos de nos colocar numa perspectiva de nos relacionarmos como o nosso corpo. Daí para frente, podem acontecer muitos eventos. Por exemplo, um acidente qualquer. O que desejo ressaltar é que tomamos consciência do que posso ou não fazer; então o meu corpo (corpo meu) passa a ser meu. Seja pelas opções de diferentes exercícios que vou fazer: Taichi Chuan, meditações, etc, ou pelo que vou deixar de fazer. Mas o que estou a chamar a atenção é que, daí em diante, deixo de ser um *corpo-meu* para ser um *eu-corpo*. O *Eu-corpo* é outra dimensão, pois estou a saber o que se passa lá dentro; começo a ter mais consciência da minha interioridade – consciência de si; consciência das capacidades, consciência das potencialidades do *eu-corpo*. Ou seja, estou sabendo o que sinto na minha interioridade, o que se passa lá dentro, para expressar-me lá fora da melhor maneira possível. Essa dimensão nos dá acesso a muitas coisas, pois não somente tenho sensações em relação ao exterior, mas tenho sensações dentro de mim. Estas sensações me provocam emoções e emergências de imagens, me provocam emergência de idéias, etc. Isso tem a ver com meu eu-corpo muito vinculado à psicossomatologia, ligado ao modo como fomos construindo a história do nosso *eu-corpo*. A descoberta do *Eu-corpo*, mesmo que não foi nomeado desta maneira pelo amigo Prof. Dr. Danis Bois<sup>5</sup>, é uma expressão minha que faz sentido em ligação com as narrativas de vida. É o *tecido conjuntivo* que

---

<sup>4</sup> Carlos tem seis anos de idade e conviveu conosco os três dias passados em Pelotas juntamente com Marie-Christine Josso.

<sup>5</sup> Ver "Método de Danis Bois" – MDB – (terapia manual desenvolvida há 25 anos a partir da fisioterapia e da osteopatia). Esse método dá acesso a uma nova dimensão do nosso ser-no-mundo através de um movimento interno psicológico que se encontra nas fâscias – tecido conjuntivo – ver os diferentes sites do método na internet. Em setembro de 2008, serão publicados dois livros sobre o tema em duas editoras brasileiras: Paulus e Idéias e Letras.

envolve todos os órgãos, ossos e músculos até o tecido intercelular. O sistema simpático e parassimpático estão fora de ligação com os fascias (ver terminologia médica). Parece um sistema de auto regulação permanente em ligação com as solicitações ligadas aos movimentos constantes do nosso corpo. Temos prova da sua existência do ponto de vista fisiológico. Então, este fascia em movimento (se encontra os “caminhos” abertos, libertos de fixações) possibilita um acesso extraordinário a esta vida interior. Para mim, foi muito importante encontrar esta dimensão do *eu-corpo*. Obviamente, isso se deve a um processo árduo de contato com o meu corpo em movimento, mais de 20 anos de Taichi Chuan, por exemplo. Então a “lógica” com esta dimensão interna, articulada com as demais, são fundamentais para a culminância deste processo.

**Edla** - Enquanto falavas da tradição oriental, eu estava pensando da tradição dos afro- descendentes, através da capoeira. O Jogo ou “dança” da capoeira exige todo um treino e uma concentração que pode ser similar ao teu processo com a “lógica” do Taichi Chuan. O que seria, para a nossa cultura afro, a dimensão da capoeira? São outros desdobramentos que poderiam emergir como dimensões instauradoras de um modo de ser. O que está em pauta é que não estamos lidando com oposições. Por exemplo, a religião afro não lida com o bem *ou* o mal, mas o bem e o mal. Essa construção do religioso, para nós, essa mistura que é positiva, e eu acredito nela, é potencializadora de um *modo de ser*. As coisas estão todas interligadas e são produtoras de conhecimentos de imaginários. O que acontece é que, à medida que não se visibiliza isso, deixamos à parte ou à margem uma potência geradora de imaginários e racionalizamos academicamente sem qualquer integração, mesmo que façamos bem feito.

**Lúcia** – Aproveitando a deixa da Edla, podemos dizer que nós, ocidentais, ainda não aprendemos a lidar com as questões simbólicas; com a Física quântica. Tudo isso, no sentido de exercitar e viver integradamente, sem dissociações, por exemplo, entre o que chamamos de racional e irracional, dia e noite, Yin e Yang ou símbolo do Infinito, representado 11 por um 8 na horizontal. Uma noção quase-numérica empregada em proposições matemáticas, filosóficas ou teológicas e que faz referência à falta de limite e falta de fronteira no tamanho, quantidade ou extensão. Talvez o que necessitamos é aprendermos a nos religar, no sentido de re-ligare, com o nosso mundo interior e exterior; com um eu cosmológico, transcendente e imanente. Um ser que tem infinitas possibilidades de devir, nessa relação com o agir no aqui e agora temporal.

**M.C.Josso** – Eu entendo que seja a horizontalidade sempre cortada pela verticalidade. Para mim, o sentido da vida é isso. Nessas investigações que faço (até parece uma anedota o que vou dizer...), percebo que o ser humano, desde que cortou os seus laços com os macacos, fez da sua inteligência o meio de sobrevivência, usando, num certo momento da sua história, o princípio do ensaio-e-erro. Desse modo, foi a inteligência hipotético-dedutiva que permitiu a sobrevivência através desta modalidade de aprendizagem. Mas antes disso? Se assim fosse, todos os seres humanos estariam mortos, diante de tantas coisas venenosas para nós na natureza. Veja, num certo momento da história da humanidade, tínhamos um poder de saber, que hoje em dia foi completamente esquecido. Um modo de se ligar com as plantas, os animais, os minerais, as águas que nos permitia saber o que não era perigoso.

**Lúcia** – Estás te referindo aquilo que Gilbert Durand fala sobre a dessacralização do homem diante do mundo, da natureza?

**M.C.Josso** – Pode ser. Esse esquecimento implica dizer que deixamos de ir à procura do que é bom para nós mesmos, para os seres humanos em geral. E, quando deixamos de fazer isso podemos estar nos encaminhando para o fim da humanidade, evidentemente. Temos como exemplo o modo como os animais vivem. Eles sabem o que é ou não é bom para eles, sem ninguém ter ensinado. Os gatos e os cães, quando estão mal do estômago, saem a comer ervas específicas para limpar o seu organismo. Com isso, quero dizer que nós temos no nosso *eu-corpo* um sentido, que não sei como chamá-lo... Pode ser intuição onde habita este sentido da verdade sobre o que é ou não é bom para nós, etc. etc. É o que chamei nos últimos dias do nosso seminário aqui em Porto Alegre, de *sentido interior de sabedoria*. Ele está dentro de nós. Se não tivéssemos este sentido interior, não poderíamos sequer falar de sabedoria, que é diferente de conhecimento. É muito mais do que ter um conhecimento que adquirimos a partir do mundo externo e, de alguma forma, já vem “acabado”. O *sentido interior de sabedoria* é uma obra inacabada.

**Edla** – Como o modo de conhecer dos ancestrais ou, para trazer mais próximo de nós brasileiros, dos afro-descendentes?

**Lúcia** – Ou ainda como uma espécie de inconsciente coletivo?

**M.C.Josso** – Exato. Para mim, estes sentimentos coletivos estão ligados à transcendência em profunda conexão com a história da humanidade. E o imanente seria o que *está aqui e agora*, fazendo e sendo parte da nossa história de vida. O que desejo ressaltar com isso é



que, diante das nossas dificuldades, não poderíamos entregar a nossa vida para um Deus exterior qualquer, mas buscar dentro de nós. Por exemplo, eu construí, eu inventei uma imagem para ativar a lembrança da minha força interior. Um símbolo de reativação da minha força. Com isso, quero dizer que sou muito respeitadora das crenças das pessoas, independente de quais sejam: Buda, Cristo, Maomé ou o símbolo que eu criei. São figuras simbólicas, altamente eficazes para sustentar a nossa obrigação de criar, inventar, adaptar-se, agüentar sentimentos extremos. Como dizia o Jung, a espiritualidade é uma função psicológica e curadora em si. Entendem?

O que nos transmitiram, ao longo do tempo, como cristãos, foi a idéia de um Deus antropomórfico. Evidentemente, não pode ser, pois as crenças e a divindade são formas imaginais, cuja função é guiar, orientar, dar sentido à nossa vida. Para mim, o que está em jogo é aquela dimensão que eu não sei nomear e para a qual precisamos ter mais atenção, pois ela está dentro de nós. Aqui se faz necessário ressaltar que é fundamental entender que estou me referindo à força imanente que nos habita, podendo nomeá-la como acharmos melhor. É óbvio que daí cruzamos o que em nós vive imanentemente com o transcendente que nos influencia. Uma espécie de re-ligare conosco e com tudo que produzimos e buscamos no nosso entorno.

**Lúcia** – Falavas há pouco do Carlos. Do quanto ele era conectado com seu *eu-corpo*. Parece-me que com isso reforças a força do gesto como substância do mundo imaginal.

**M.C.Josso** – Sim. O Carlos é um ser completo, porque vive sua unicidade ainda integrada com seu corpo-gesto e sentido. Daqui para frente, ele vai descobrir coisas novas, novos conhecimentos e poderá, ou não, continuar atento a esta dimensão que estou chamando de *sentido interior de sabedoria*. Acho que os estudos do Imaginário, por exemplo, trazem esta dimensão – a de um homem e de uma mulher que têm um fundo de sentido profundo em frente às coisas e ao vivido.

**Lúcia** – Nós queremos te agradecer pela forma como trazes esta abordagem enriquecedora para os estudos das histórias de vida, desvendando outros universos.

**M.C.Josso** - Eu preciso dizer a vocês que nossos laços, provavelmente, estarão firmados para além dos encontros universitários, etc. etc. Estou verdadeiramente vivendo com vocês processos autoformadores no sentido mais humano do termo.

Essa entrevista permitiu que pudéssemos, por meio de uma conversa solta, imaginar que a proposta da pesquisa-formação tem efeitos terapêuticos, ou seja, pesquisa dessa forma exige constantemente um pensar a si mesmo em processo individual e coletivo. A cadência de ouvir o outro, escrever de si, ler o outro, interpretar a si e ao outro conduz para uma responsabilidade processual que inaugura pensar a pedagogia em seu mais profundo compromisso de produzir conhecimento. A história de vida, a narrativa, vai aparecendo não somente como uma descrição, mas como uma análise. E o pensamento analítico no campo pedagógico.

---

---

**Edla Eggert** possui graduação em Pedagogia (UNIPLAC - 1986), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992) e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (1998). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

**Lucia Peres** possui graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Pelotas (1982) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999). Atualmente é professora na categoria Associado nível I, Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Pelotas. Desenvolve atividades de docência na graduação e no Programa de Pós-graduação em Educação: graduação no Curso de Pedagogia e na Pós no Curso de Mestrado e Doutorado.

---

---

Artigo encomendado